

A Construção da Memória em José Saramago

The Construction of Memory in José Saramago

Gisele Ambrósio Gomes*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a elaboração das memórias de infância e de adolescência do escritor José Saramago através da escrita autobiográfica encontrada em seu livro intitulado *As Pequenas Memórias*.

Palavras-Chave: Memória, José Saramago, Autobiografia.

Abstract: This article *wants to analyse* the elaboration of memories of childhood and adolescence of writer José Saramago through autobiographical writing found in his book entitled *As Pequenas Memórias*.

Key-Words: Memory, José Saramago, Autobiography.

Na maturidade de seus oitenta e quatro anos o escritor português José de Sousa Saramago (Nobel de Literatura em 1998) concretizou mais uma de suas obras, *As Pequenas Memórias*. Esse livro constitui o seu registro autobiográfico da sua infância e da sua juventude vivenciada nas décadas de 1920 e 1930 entre a zona rural de Azinhaga, onde nasceu, e os subúrbios pobres de Lisboa.

Nessa obra Saramago empenhou esforços em desnudar suas lembranças a partir da escolha do episódico e fragmentário, sustentado por um estilo digressivo e circular. A pequena extensão da obra, cento e trinta e oito páginas, a nosso ver, reflete a intenção do autor em destacar em sua narrativa autobiográfica o valor da experiência em detrimento de qualquer pretensão de uma grande reconstituição do passado. A dedicação em privilegiar episódios passados poder ser entendida como a intenção de trazer à tona aspectos importantes da vida, momentos de aprendizado que, para o adulto Saramago, são preciosos como, por exemplo, o contato com a miséria, a morte e a desilusão.

Em sua elaboração discursiva é constante a união entre passado e presente. O adulto estabelece a conexão entre esses dois tempos, com uma referência temporal do presente muito forte, revelando a memória não como um mero registro do passado, mas como uma reconstrução do presente, um refazer das experiências pretéritas sob a luz dos referenciais atuais. Representativas de tal questão são as diversas reflexões disseminadas

* Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação da UFJF. E-mail: giseleagomesjf@yahoo.com.br

pelo texto sobre os fatos do passado e sobre a existência humana. A guisa de exemplo destacamos um trecho sobre o dia em que, passeando com sua mãe, Saramago ganhou desta um balão, o seu “[...] primeiro balão em todos os seis ou sete anos que levava da vida” (SARAMAGO, 2006: 70). Dessa alegria – “[...] eu impante como se conduzisse pelos ares, atado a um cordel, o mundo inteiro [...]” (SARAMAGO, 2006: 70) – sobreveio a desilusão e a vergonha:

[...] de repente, ouvi que alguém se ria nas minhas costas. Olhei e vi. O balão esvaziara-se, tinha vindo a arrastá-lo pelo chão sem me dar conta, era uma coisa suja, enrugada e informe, e dois homens que viam atrás de mim riam-se e apontavam-me com o dedo, a mim, naquela ocasião o mais ridículo dos espécimes humanos. Nem sequer chorei. Deixei cair o cordel, agarrei-me ao braço da minha mãe como se fosse uma tábua de salvação e continuei a andar. Aquela coisa suja, enrugada e informe era realmente o mundo (SARAMAGO, 2006: 70-71).

Dessa forma, percebemos que a recuperação mnemônica dos fatos passados não é algo imparcial. Segundo Freud, a memória é uma criação do sujeito que recorda:

Nossas lembranças infantis nos mostram nossos primeiros anos não como eles foram, mas tal como aparecem nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos de despertar, as lembranças infantis não emergiram como as pessoas costumam dizer; elas foram formadas nessa época. E inúmeros motivos, sem qualquer preocupação com a precisão histórica, participam de sua formação, assim como da seleção das próprias lembranças (FREUD, 1976: 287).

A partir dos eventos relatados percebemos que Saramago tece suas lembranças com um profundo teor familiar e intimista, buscando revelar-nos sua origem e a construção de sua pessoa. O autor abre as portas do seu passado com uma descrição detalhada e encantadora da aldeia de Azinhanga, no Ribatejo, onde nasceu e morou até aproximadamente um ano e meio de vida e que, posteriormente, tornou-se o cenário para suas férias escolares, repletas de peripécias e descobertas, divididas entre a casa dos avós e tios maternos (SARAMAGO, 2006: 10; 56). Na descrição feita pelo autor é possível perceber que é dessa terra banhada pelo Almoda, afluente do Tejo, que Saramago recolhe as melhores partes de sua infância. Ele mantém viva em sua memória a ligação visceral com esse “universo” (SARAMAGO, 2006: 16) explorado pelo pequeno “Zezito”.

Sem que ninguém de tal se tivesse apercebido, a criança já havia estendido gavinhas e raízes, a frágil semente que então eu era havia tido tempo de pisar o barro do chão com os seus minúsculos e mal seguros pés, para receber dele, indelevelmente, a marca original da terra [...] (SARAMAGO, 2006: 10).

Através da descrição dessa antiga paisagem, assim como de outros lugares que Saramago traça no decorrer de seu texto (casas, ruas, escolas...), percebemos que suas lembranças entrelaçam e se sustentam aos velhos lugares nos quais vivenciou suas

primeiras experiências, constituindo um verdadeiro “mapa afetivo”.¹ A desorganização desse espaço – “[...] e hoje, em lugar dos misteriosos e vagamente inquietantes olivais de meu tempo de criança e adolescente [...] o que nos apresenta aos olhos é um enorme, um monótono, um interminável campo de milho híbrido [...]” (SARAMAGO, 2006: 12) – causa-lhe um estranhamento – “[...] estou só tentando explicar que esta paisagem não é a minha, que não foi neste sítio que nasci, que não me criei aqui” (SARAMAGO, 2006: 12) -, uma espécie de ressentimento por terem “arrancado” uma das partes mais importantes que compõe a sua história vivida: “Confesso [...] que agora algo assim como uma satisfação maliciosa, uma desforra [...] quando ouço dizer á gente da aldeia que foi um erro [...] terem-se arrancados os velhos olivais” (SARAMAGO, 2006: 12-13).

Dentre os espaços da memória podemos destacar as casas da infância do autor. Em relação à primeira, na qual nasceu, ele afirma ser-lhe “indiferente” por não ter “[...] qualquer lembrança de ter vivido nela” (SARAMAGO, 2006: 15). Já das casas que habitou em Lisboa fica exposta a realidade dura das famílias pobres, geralmente pautada por uma descrição objetiva: cômodos divididos entre famílias diferentes, pouco saneamento, brigas domésticas, iniciação sexual em casas onde não havia privacidade...

A casa privilegiada das lembranças de Saramago é a dos avós maternos, da chamada Casalinho, localizada no sítio das Divisões. O detalhamento da descrição da casa impressiona:

A construção era dos mais tosco que então se fazia, térrea, de um único piso, mas levantada do chão cerca de um metro por causa das cheias, sem nenhuma janela na frontaria cega, nada mais que uma porta em que se abria o tradicional postigo. Tinha dos compartimentos espaçosos, a casa-de-fora, assim chamada por dar para a rua, onde havia duas camas e umas quantas arcas [...], e logo a seguir a cozinha, uma e outra de telha-vã por cima e chão de terra por baixo. Á noite, apagado o candeeiro de petróleo, sempre se podia distinguir pelas frinchas do telhado o cintilar de uma estrela vagabunda (SARAMAGO, 2006: 83).

A casa “tosca” e os objetos que ela continha são descritos de uma forma sensível, na qual cada elemento (móveis, portas, enfeites, cantos...) é traçado pelo afeto, por um sentimento de preciosidade. Nesse momento fica nítido o emergir da saudade de Saramago dos velhos objetos perdidos que lhe permitiriam sentir a doce sensação da continuidade.

Saindo do âmbito familiar, outros locais são evocados. As ruas em Lisboa nas quais após as aulas ocorriam as “[...] batalhas à pedrada que por felicidade nunca chegaram a fazer sangue nem lágrimas, mas em que se não poupava o suor” (SARAMAGO, 2006: 97) e as que foram palco de situações difíceis e dolorosas como a vez em que Zezito caiu na Avenida Casal Ribeiro e ficou “[...] a chorar por causa das dores no joelho, mas também por causa da humilhação que tinha sido cair aos pés de uma pessoa que não havia feito o

¹ Expressão utilizada por Ecléa Bosi em **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994: 444.

menor gesto para me ajudar a levantar [...]” (SARAMAGO, 2006: 63). Mais dolorosa e humilhante ainda foi a agressão sofrida entre os dois e três anos:

Um pouco afastado de casa [...] havia um monte de caliça abandonado de alguma obra. Á força [...], três ou quatro rapazes crescidos levaram-me para lá. Empurraram-me, atiraram-me ao chão, despiram-me os calções e as cuecas, e, enquanto uns me prendiam os braços e as pernas, um outro começou a introduzir-me um arame na uretra. [...] Talvez o sangue abundante que começou a sair do meu pequeno e martirizado pênis me tenha salvo do pior (SARAMAGO, 2006: 112).

Os cinemas também figuram nas suas lembranças. Na Mouraria vemos ganhar vida o cinema *Salão de Lisboa*, popularmente conhecido por *Piolho*. Das fitas que ali rodavam havia as “horripilantes” histórias “[...] de gente malvada e cínica da pior espécie, de visões de fantasmas, de magias sobrenaturais, de torres malditas, de subterrâneos lóbregos, enfim, de toda a parafernália, então ainda no jardim da infância, do susto individual e colectivo de baixo preço” (SARAMAGO, 2006: 52) e as “cômicas” de pequena duração nas quais atuavam diversos atores, tais como: “Charlot”, “Pamplinas”, “Bucha” e “Estica” (SARAMAGO, 2006: 55). No período da adolescência são destacados mais dois cinemas, *Salão Oriente* e *Royal Cine*, que faziam a distração de Saramago e seus colegas. Muitas vezes detido a olhar seus “cartazes expostos”, inspirava-se a contar histórias: “ Um pouco invejosos, os companheiros ouviam-me com toda a atenção, faziam de vez em quando perguntas para aclarar alguma passagem duvidosa [...]” (SARAMAGO, 2006: 103).

Outro foco espacial são as escolas que frequentou, da “escolinha particular” das primeiras letras à escola industrial de Lisboa de onde saiu serralheiro mecânico. Desses locais são rememorados, entre outros, os professores como o Sr. Vairinho: “[...] homem alto e magro, de rosto severo, que disfarçava a calvície puxando o cabelo de um dos lados e assentando-o com fixador [...]” (SARAMAGO, 2006: 92); os colegas com os quais em alguns casos mantinha apenas uma relação “sem grandes confianças” (SARAMAGO, 2006: 96), a dislexia: “[...] lembro-me por essa altura confundir a palavra ‘retardador’ com ‘redentor’[...]” (SARAMAGO, 2006: 96), as boas notas comprovadas pelo caderninho de capa preta, conservado ainda pelo autor demonstrando que “os ‘maus’ foram pouquíssimos, os ‘suficientes’ não muitos, os ‘bons’ abundavam e não faltaram os ‘ótimos’” (SARAMAGO, 2006: 97); e a quebra de um ponteiro na aula de Mecânica que lhe gerou um árduo trabalho de reposição “Durante talvez duas semanas, tardes de sábados e domingos incluídos, de navalha na mão[...]” (SARAMAGO, 2006: 135).

Há muitos episódios em *As Pequenas Memórias* referentes às lembranças do grupo familiar de Saramago. Nelas persistem os vínculos estabelecidos no passado e as figuras dos seus pais, avós, tios, primos e seu irmão, com suas qualidades, defeitos, fisionomias e segredos.

Os pais são evocados sem muitos detalhes. A figura materna, Maria da Piedade, é relacionada em rápidos momentos de cuidados com o filho, aos maus tratos infligidos pelo marido e ao trabalho caseiro (SARAMAGO, 2006: 63; 68; 73). Do pai, José de Sousa, temos uma apreensão dos traços morais que demonstram um profundo ressentimento por sua agressividade e rudeza no trato da família e por determinados atos desonestos.

Não teria sido nada natural que meu pai, antes vulgar cavador de enxada e agora servidor público, agente policial de fresca data com uma cesta cheia de novidades da capital para contar, se deixasse ficar por Lisboa durante os seus períodos de licença, quando o que lhe daria prestígio seria luzir-se perante antigos companheiros de trabalho, [...] e, na intimidade da taberna, entre dois copos, regalá-los com histórias de gajas, alguma prostituta que pagava com o corpo uma certa protecção policial, mas isso nunca o confessaria ele, ou então alguma vendedeira fácil do mercado da praça da Figueira (SARAMAGO, 2006: 72).

A figura do irmão Francisco, que morreu aos quatro anos de broncopneumonia em 1924, é descrita de uma forma afetuosa e dolorosa pela perda tão precoce desse ente querido. Por ser ainda muito pequeno no período do falecimento de seu irmão, Saramago faz uma bela reflexão sobre a autenticidade da memória, que nos permite identificar que para ele a construção da memória dá-se pela “confiança” e pelo valor de certeza que estabelecemos com o fato rememorado por mais remoto que seja, pelo significado que vai se perpetuando no indivíduo. Como nos alerta Willian Stern, psicólogo social da memória, a lembrança é algo vivenciado pelo indivíduo e a sua função consiste em conservar o passado da maneira que ele desejar sem que isso resulte necessariamente em qualquer intenção de falsificação (BOSI, 1994: 28).

Em outros trechos do livro encontramos estabelecidas mais reflexões do autor sobre a memória. Nesse ponto, interessante é sua reflexão sobre o ato de “lembrar” e o ato de “esquecer”.

Muitas vezes esquecemos o que gostaríamos de poder recordar, outras vezes, recorrentes, obsessivas, reagindo ao mínimo estímulo, vêm-nos do passado imagens palavras soltas, fulgurância, iluminações, e não há explicação para elas, não as convocamos, mas elas aí estão (SARAMAGO, 2006: 130).

Analisando o texto encontramos a indicação que suas lembranças apresentam-se das impressões mais pessoais, o que ele denominou de “recordação própria, pessoal” (SARAMAGO, 2006: 58) e das relações com outras pessoas, da memória de outros indivíduos. No primeiro caso, segundo a opinião do próprio autor, temos a recordação da sua “escolinha particular” da Rua Morais Soares (SARAMAGO, 2006: 58). Já o segundo é perceptível em suas interações com familiares, principalmente com a avó: “[...] e sobre isto não há que duvidar, porquanto a própria avó Josefa me falou [...]” (SARAMAGO, 2006: 60). Aqui podemos perceber a idéia de Halbwach de que a “memória se enriquece de bens alheios” (HALBWACH, 1990: 70), deixando claro de como ela é construída pelo indivíduo através de suas lembranças e as das de outros (HALBWACH, 1990: 77).

Entre os parentes evocados ainda temos os tios e os primos. Aqui novamente as figuras femininas do seu passado aparecem de forma discreta como é o caso das tias citadas sem pormenores: a tia Maria Elvira – “uma honestíssima mulher” (SARAMAGO, 2006: 27); a tia Maria Natália, empregada da casa dos Senhores Formigais (SARAMAGO, 2006: 66); a tia Maria da Luz e a tia Maria Mogas (SARAMAGO, 2006: 22; 39). Exceção é a tia Emília descrita de forma mais minuciosa – “[...] pessoa de idade [...] com o cabelo branco recolhido e rematado na nuca por um carrapito, robusta, muito direita, corada de natureza e abuso da bebida [...]” (SARAMAGO, 2006: 106).

A sua “educação sexual elementar” teve a participação de sua prima Maria da Piedade, que dividindo a mesma cama com o primo, “[...] ela da cabeceira para os pés, eu dos pés para a cabeceira” (SARAMAGO, 2006: 39), vivenciou com esse “uma minuciosa e mútua exploração táctil” (SARAMAGO, 2006: 39) de seus jovens corpos: “Recordo que o primeiro movimento da minha parte, a primeira abordagem, por assim dizer, levou meu pé direito a tactear o púbis já florido da Piedade” (SARAMAGO, 2006: 39).

O primo José de Dinis aparece como um dos parceiros de suas brincadeiras no período de férias que passava em Azinhanga. Dele o autor fixou a imagem de um primo com quem manteve uma relação de “cão e gato” (SARAMAGO, 2006: 26) devido às rivalidades constantes entre ambos, oriundas, por exemplo, da concorrência pelas “mocinhas da terra” (SARAMAGO, 2006: 25) e pelas maçarocas das plantações de milho (SARAMAGO, 2006: 136). Contudo, Saramago também demonstra o afeto que existia nessa relação ao lembrar das várias vezes que presenciou o primo “atirar-se ao chão a chorar desesperado” (SARAMAGO, 2006: 26) por motivo de seu retorno para Lisboa no fim das férias.

Em relação aos tios percebemos a ênfase de seus traços morais muitas vezes pouco edificantes. O seu tio Carlos Melrinho “[...] não era mau homem, mas bebia demasiado e tinha dificuldade em distinguir o seu do alheio” (SARAMAGO, 2006: 123). Do tio Francisco Dinis temos uma personalidade agressiva, quase matou a mulher, Maria Elvira, por um ciúme infundado (SARAMAGO, 2006: 26-28), e o seu desaprovado “servilismo”.

Na constituição de sua memória familiar as mais marcantes personagens são os seus avós maternos, Jerônimo e Josefa. O relato de suas lembranças a esse respeito transborda afeição, respeito e saudosismo, demonstrando o quão importantes foram o contato e o forte vínculo estabelecidos entre eles. Já os avós paternos, José de Sousa e Carolina Conceição, são rememorados de uma forma seca que nos permite sentir a distante e áspera relação mantida por eles: “Via-os raras vezes, e a secura que cria encontrar em um e em outro intimidava-me” (SARAMAGO, 2006: 56).

Saramago dedica aos avós José e Josefa, pobres camponeses de Azinhanga, as mais belas páginas de sua memória, idealizando esse casal em sua faceta severa, serena e

sábria. De um profundo sentimento é a evocação da frase ouvida da avó de noventa anos que ainda ressoa em seus ouvidos – “O mundo é tão bonito e eu tenho tanta pena de morrer” (SARAMAGO, 2006: 120) – ou quando é construída a imagem de seu avô.

[...] dos tempos passados vem uma imagem, a de um homem alto e magro, velho, agora que está mais perto, por um carreiro alargado. Traz um cajado ao ombro, um capote enlameado e antigo, e por ele escorrem todas as águas do céu. [...] Vem cansado, o velho. Arrasta consigo setenta anos de vida difícil, de privações, de ignorância. E no entanto é um homem sábio, calado, que só abre a boca para dizer o indispensável. [...] A sua cara parece ter sido talhada a enxó, fixa mais expressiva, e os olhos, pequenos e agudos, brilham de vez em quando como se alguma coisa em que tivesse a pensar tivesse sido definitivamente compreendida (SARAMAGO, 2006: 119).

Em meio à constituição de sua memória de família outras pessoas vão ganhando espaço em sua narrativa. Devido às dificuldades financeiras, os pais de Saramago dividiam os pequenos cômodos em que residiam nos subúrbios com outras famílias. Esse foi o caso da convivência com os Barata, família composta por dois irmãos casados. O primeiro, Antônio, policial de investigação criminal, “usava bigode e estava casado com uma Conceição” (SARAMAGO, 2006: 35), a qual foi alvo de ciúmes de Maria Piedade, mãe de Saramago: “[...] minha mãe suspeitou ou teve prova suficiente de certas intimidades entre o meu pai e ela [...]” (SARAMAGO, 2006: 36).

O segundo irmão chamava-se José e é lembrado como um homem “baixote” e “gordo”, cujo casamento com Emília trouxe-lhe dois rebentos, Leandro e Domitília (SARAMAGO, 2006: 36). Saramago do primeiro recorda o seu problema com a dislexia (problema também enfrentado pelo autor) que, durante as lições da *Cartilha Maternal de João de Deus*, acabava por lançá-lo nas agressões físicas do tio (SARAMAGO, 2006: 37). Domitília, por sua vez, foi sua companheira de “íntimos descobrimentos”, os quais continuam vivos na memória do autor: “[...] ainda daqui a estou a ver, nua da cintura para baixo” (SARAMAGO, 2006: 38).

Há também menções sobre os vizinhos. O vizinho que enlouqueceu ainda jovem “de muito ler e muito estudar”, sendo associado à figura de Dom Quixote, é rememorado em uma de suas crises – “Lembro-me da crise que lhe deu, a única de que fomos testemunhas oculares [...]” (SARAMAGO, 2006: 44) que acabou levando-o, segundo deduções do próprio autor, para o manicômio Rilhafoles.

Menos dramática e mais afetiva é a lembrança do vizinho pintor que trabalhava numa fábrica de cerâmica chamada *Viúva Lamego*, o senhor Chaves. Desse pintor – “[...] pacientíssimo, fino, de discretas e medidas falas [...]” (SARAMAGO, 2006: 49) – o adolescente Saramago – “[...] desajeitado, cheio de dúvidas e certezas, mas tão pouco consciente de umas como das outras” (SARAMAGO, 2006: 48) – evoca a imagem de um “homem sensível e delicado” rodeado pela solidão (SARAMAGO, 2006: 48). Os dotes

artísticos de seu amigo o ajudaram, já com dezoito anos, na elaboração de um singelo mimo – pintura de uma quadra (estrofe de quatro versos) “num pratinho em forma de coração” (SARAMAGO, 2006: 48) - para a então sua namorada e futura esposa Ilda Reis. Momento de sua primeira incursão pela poesia:

Fui felicidíssimo pelo amigo Chaves, que era de opinião que deveria apresentar-me a uns jogos florais, esses deliciosos certames poéticos, então muito em voga, que só a ingenuidade salvava do ridículo. O Produto de meu estro rezava assim: “Cautela, que ninguém ouça/ O segredo que te digo: / Dou-te um coração de louça/ Porque o meu anda contigo”. Reconheça-se que eu teria merecido, pelo menos, pelos menos, a violeta de prata... (SARAMAGO, 2006: 49).

Outro ponto relevante na construção do seu passado é a utilização da percepção, ou seja, a sustentação de sua memória através da evocação das lembranças diante de uma reaparição dos sentidos (visão, audição, paladar, olfato e tato). Na estruturação da paisagem de Azinhaga e de sua relação com ela, o autor deixa em evidência a importância dos seus sentidos para estabelecê-las: “[...] sem que me desse conta, ia ‘pescando’ coisas que no futuro não viriam a ser menos importantes para mim, imagens, cheiros, rumores, aragens, sensações” (SARAMAGO, 2006: 76). Assim da rústica aldeia guarda o “proveito degustativo” das “suas subidas à figueira do quintal, de manhã cedo, para colher os frutos ainda húmidos da orvalhada nocturna e sorver, como um pássaro guloso, a gota de mel que surgia do interior deles” (SARAMAGO, 2006: 17) e os seus sons: o “silêncio da mata”; o “pipilar dos pássaros”; o “ranger das ramagens sob o impulso do vento” (SARAMAGO, 2006: 17). Paisagem ainda descrita a partir do tato e da visão, de como

[...] os seus jovens olhos eram capazes de apreciar e registrar os grandes espaços abertos diante de si, mas há que dizer que sua atenção sempre preferiu distinguir e fixar-se em coisas e seres que se encontrassem perto, naquilo que pudesse tocar com as mãos, naquilo também que lhe oferecesse como algo que, sem disso, ter consciência, urgia compreender e incorporar ao espírito [...], fosse uma cobra rastejando, uma formiga levantando ao ar uma praga de trigo [...] ou então uma pedra, uma teia de aranha, a leiva de terra levantada pelo ferro do arado [...]. Ou o rio (SARAMAGO, 2006: 13-14).

Da memória olfativa surge o cheiro do vinagre relacionado às lembranças de sua avó Carolina que sofria de albuminúria: “Minha mãe punha-lhe parches de vinagre aquecido, não sei para quê” (SARAMAGO, 2006: 58); o mal estar que sentia ao entrar num carro elétrico: “[...] porque não tardava a enjoar com o cheiro lá de dentro, uma atmosfera fétida, que me envolvia o estômago e em poucos minutos me punha a vomitar” (SARAMAGO, 2006: 69); o cheiro das bagas das quais “Desprendiam um fumozinho de um olor enfermiço, ao mesmo tempo adocicado e nauseante, que entontecia” (SARAMAGO, 2006: 73). Nas lembranças de Lisboa também surgem os aromas e os gostos agradáveis: “Dos papo-secos comprados na padaria, ainda quentes e cheirosos, e a que chamávamos de “sete e meio; das “vianinhas”,

de massa fina, mais cara, e que só raras vezes tive a satisfação de comer ... Sempre gostei muito de pão.” (SARAMAGO, 2006: 108).

Saramago no transcorrer de sua memória familiar e pessoal dá vazão a maneira como vivenciou o totalitarismo de Salazar e o período da Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939). Nesse momento, quando rememora as datas e os acontecimentos de tais episódios históricos ele realiza o processo de “recolocar” sua infância na história de seu tempo (HALBAWCH, 1990: 58). Ele traz em sua memória a história vivida, ou seja, o seu contato vivo e direto com os acontecimentos do passado. Como sugere Hallbawch, esse processo não é algo desencarnado ou esquemático, muito menos uma simples justaposição. Na prática ele se dá pela união da lembrança pessoal ao significado histórico do evento experienciado. União que não é imediata e sim que precisa de certo tempo para fazer sentido para o indivíduo (HALBAWCH, 1990: 59; 60; 63).

Sendo assim, com o olhar e reflexões maduras do presente, é traçada “a pequena história” (SARAMAGO, 2006: 50) da Guerra Civil Espanhola. O desenrolar dos fatos desse conflito se mistura com o cotidiano do autor. Através da imprensa da época, que vez ou outra lhe caía em suas mãos nas casas dos pais e dos avós, Saramago ia acompanhando o desenrolar dos acontecimentos, até o momento em que descobriu estar sendo enganado pelos militares que censuravam os meios de comunicação, os avanços do totalitarismo e, em particular, do conflito armado (SARAMAGO, 2006: 131).

Interessante é o momento em que Saramago confessa ter pertencido à juventude salazarista, conhecida na época como Mocidade Portuguesa, que apoiou ditador português. Dessa lembrança o que chama a atenção, tendo em vista a sua ligação com o Partido Comunista Português, é a indicação de representar para o autor a sua incipiente oposição à ditadura. A recusa em usar o fardamento salazarista pode ser interpretada como uma reafirmação de sua posição antifascista, uma das suas pioneiras vitórias contra o fascismo, numa clara associação aos sentimentos do presente aos do Saramago adolescente (SARAMAGO, 2006: 132).

Após esses apontamentos, podemos afirmar que a leitura do relato autobiográfico de Saramago torna necessário entender que o ato de lembrar consiste em refazer e repensar as experiências vividas do passado através dos referenciais que dispomos no momento em que as memórias são presentificadas. Ainda observamos que a memória, seletiva e fragmentária, retém as imagens e as impressões mais significativas sobre um determinado fato. Como defendem Barillet e Stern, o que fica é o que significa (BOSI, 1994: 466).

Referências

BOSI, Ecléa em **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: **Obras completas**. São Paulo: Imago, 1976, p. 271-87.

HALBAWCH, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

SARAMAGO, José. **As Pequenas Memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Recebido em *Setembro* de 2009

Aprovado em *Dezembro* de 2009